

Domingos de Magalhães, um romântico bem-sucedido

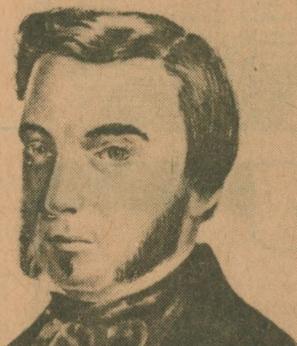
Pesquisa do
BANCO DE DADOS — "FOLHA"

Há cem anos, morria em Roma, onde era ministro junto à Santa Sé, o poeta Domingos José Gonçalves de Magalhães, considerado o introdutor no Brasil do Romantismo, escola que fixou os parâmetros de uma literatura verdadeiramente nacional. Supervalorizado em sua época, em função de seu papel de destaque na nova elite administrativa do País, Magalhães é hoje lembrado mais por sua importância histórica que por seu valor literário, que já tinha sido julgado severamente por alguns de seus contemporâneos.

Ele nasceu no Rio a 3 de agosto de 1811. Em 1832, formou-se em Medicina, carreira que não seguiu na prática, dando preferência às letras e à diplomacia. Nesse mesmo ano, publicou seu primeiro livro, "Poesias" e, no ano seguinte, partiu com destino a Paris para exercer a função de adido da delegação brasileira. Na capital francesa, aprofundou seus estudos de literatura e filosofia e entrou em contato com o Romantismo.

Logo deixou o cargo diplomático, por incompatibilidade com seu superior, mas permaneceu na Europa, viajando por diversos países. Em 1836, fundou em Paris, junto com seus amigos Araújo Porto-Alegre e Sales Torres Homem, a revista "Niterói", da qual saíram apenas dois números no primeiro, publicou um "Discurso Sobre a História da Literatura no Brasil", que pode ser considerado como um manifesto do novo ideário romântico. No mesmo ano lançou "Suspiros Poéticos e Saudades".

Em 1837 Magalhães retornou ao Brasil, onde iniciou sua carreira pública, com o apoio do Imperador, que o apreciava. Foi nomeado para a cadeira de Filosofia do Colégio Pedro 2.º e acompanha como secretário o futuro duque de Caxias em suas missões pacificadoras no Maranhão e no Rio Grande do Sul, sendo eleito pelos gaúchos para a Câmara dos Deputados. No terreno literário, escreveu para o teatro, tendo sua tragédia "Antonio José ou O Poeta e a Inquisição" sido levada à cena



O poeta teve em Alencar um crítico feroz.

por João Caetano em 1838. Apesar do sucesso mundano obtido, a peça é monótona e só tem o mérito de introduzir no teatro um tema nacional.

Em 1847, casou-se e reencetou sua carreira diplomática, passando a viver a maior parte de sua vida no Exterior (serviu nos reinos de Duas Sicílias e da Sardenha e em São Petersburgo, Madri, Viena, Buenos Aires e Roma). Sua obra poética seguinte, "Confederação dos Tamoios" (1856) é de gênero épico e não lírico, tendo-lhe consumido sete longos anos de trabalho. Marcou seu retorno a uma forma clássica, que combinava mais com o seu temperamento. Duramente criticada por José de Alencar, que a considerou (com razão) enfadonha e curta de inspiração, a obra foi defendida por Araújo Porto-Alegre, Monte Alverne (que fora professor de filosofia de Magalhães), Joaquim Manuel de Macedo e o próprio D. Pedro 2.º (escrevendo sob pseudônimo), que patrocinara a publicação. Em 1876, Magalhães receberia deste último o título de visconde do Araguaia.

No terreno poético, Magalhães deixou também "Mistérios" poesias fúnebres inspiradas pela morte de seus filhos, e de índole religiosa, "Urânia", um tardio retorno ao seu lirismo inicial, e poemas avulsos. E escreveu também ensaios filosóficos, em que mostrou um ecletismo superficial à maneira de Cousin, conservando-se, porém, muito próximo à teologia católica.

Suas obras completas foram publicadas ainda em sua vida, a partir de 1864 (e depois republicadas em 1939, sob os auspícios do MEC, com um prefácio de Sérgio Buarque de Holanda).

Elas logo foram eclipsadas por produtos de talentos mais brilhantes, como os de Gonçalves Dias, Fagundes Varela e Castro Alves, que retomaram com muito mais força os temas que Magalhães propôs (nativismo, sentimento religioso, sentimento da natureza, paixão amorosa). Modernamente, a crítica a seu respeito é ainda mais severa que a de Alencar. Diz Sérgio Buarque de Holanda: "Em Gonçalves de Magalhães, a inspiração pessoal é pobre e pouco natural. Quando muito, dá expansão ao seu pendor para o entusiasmo, que sempre foi fácil e sincero. Não há motivo do Romantismo europeu que não tenha explorado, mas a inspiração amorosa é pouco profunda. Representando verdadeiramente uma sensibilidade romântica, ele não chegou, todavia, a afinar o timbre de sua voz pelo latente romantismo de nosso povo. Para um poeta de seu tempo e de sua escola, é uma falta grave."

E Alcântara Machado lhe faz eco: "O poeta que introduziu o Romantismo não era um romântico. Salvo no breve período de "Suspiros", Magalhães sempre foi, na realidade, um clássico retardatário, o último dos arcades. Nem podia ser outra coisa. Católico fervoroso, monarquista ferrenho, conservador por educação e por temperamento, Magalhães se convence, depois de curta hesitação, de que deve retornar ao Classicismo, que, apesar de suas aparências pagãs, é de inspiração católica e monárquica. Toda a sua obra posterior a 1836 é, com efeito, a negação do espírito novo, que implicava na insurreição do indivíduo contra as normas e valores tradicionais."

O que ninguém lhe nega é a importância que teve como difusor de idéias no momento exato, nem os esforços que fez na direção de uma literatura nacional em todos os gêneros, coisas que foram devidamente reconhecidas há muito tempo por críticos como Silvío Romero.